



Prática pedagógica em escola multisseriada na comunidade quilombola Forte do Castelo, Tomé Açu-PA¹

Autor: Alex Miranda da Graça. Discente do curso Licenciatura em Educação do Campo.
alexufpacampus@gmail.com

Co-autor: Jonatan dos Santos. Discente do curso Licenciatura em Educação do Campo

Universidade Federal do Pará, campus Abaetetuba

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Teles

Este trabalho tem como finalidade expor as condições que o professor de turmas multianuais, exerce na sua prática pedagógica na comunidade quilombola “Forte do Castelo”, zona rural do município de Tomé Açu. A pesquisa busca demonstrar como o professor relaciona as atividades pedagógicas, com as dificuldades encontradas no ensino multisseriado, tendo como metodologia a oralidade e cunho bibliográfico da Educação campo. Relatam suas atividades, o modo de vida, as condições realizadas na comunidade, e tenta demonstrar suas articulações com os movimentos sociais e os benefícios ocasionados após o seu auto reconhecimento além de expor as atividades culturais, sua agricultura e as relações com o calendário escolar.

Palavras-chaves: Educação do campo. Ensino multisseriado. Movimentos sociais.

INTRODUÇÃO

A escola Forte do Castelo localiza-se no município de Tomé-Açu, na PA 140 km 34, ramal Marupaúba na comunidade de mesmo nome. Esta comunidade surgiu em 1945, formada por famílias nativas da região na grande maioria constituídas por homens e mulheres negras. Segundo os relatos dos entrevistados, a partir da década de 1950 recebeu imigrantes japoneses que se apossaram de terras próximas a essas áreas onde foi construído um ramal que tinha como objetivo fazer o escoamento dos produtos produzidos pelos japoneses, dando acesso ao embarque e desembarque de mercadorias que vinham dos portos de Belém para o porto do Forte do Castelo.

¹ Trabalho realizado durante o Tempo Comunidade na disciplina Prática Pedagógica I, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2017.



A partir de 2000 a comunidade passou a receber influências de movimentos sociais, como sindicatos de trabalhadores, trabalhadores rurais e movimentos sociais negros que tinham como objetivo constituir uma organização social local para que desta forma os moradores pudessem lutar por mais políticas públicas e conseqüentemente melhorar as condições de vida. Hoje a comunidade dispõe de uma Associação de Moradores Agricultores Ribeirinhos e Quilombola Forte do Castelo (AMARQFC) fruto de lutas sociais pelos direitos de homens e mulheres negros e negras. Na comunidade residem 50 famílias, com atividade econômica voltada para a agricultura familiar, cuja maior produção é o cultivo de mandioca, pimenta do reino, cacau, açaí e a criação de peixes.

OBJETIVO

O trabalho teve como objetivos expor as práticas pedagógicas de professor de turmas multianuais, as dificuldades encontradas neste sistema de ensino, bem como as relações sociais, políticas e econômicas da comunidade quilombola “Forte do Castelo”, zona rural do município de Tomé Açu, Pará.

METODOLOGIA:

Para o desenvolvimento da pesquisa foi elaborado levantamento bibliográfico do campo, tendo como método de investigação a História Oral. Utilizou-se a técnica da observação e entrevistas, realizadas com professores da escola, moradores e lideranças da comunidade Forte do Castelo.

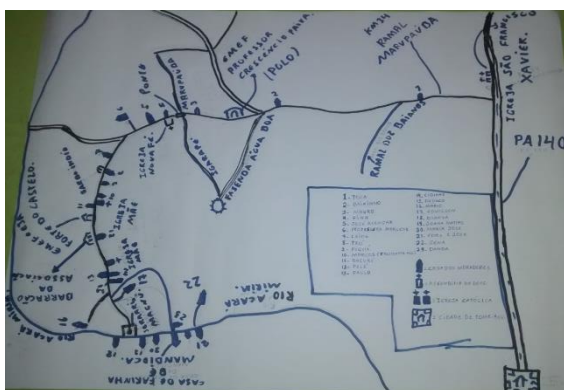
RESULTADOS E CONCLUSÃO

A primeira escola funcionava em um barracão do outro lado da margem do rio Acará Mirim e foi fundada no ano de 1990 pela professora Leide Almeida Silva. Ao passar dos anos, devido as dificuldades de travessia e a falta de estrutura física da escola, os moradores se reuniram e construíram na comunidade, o primeiro prédio escolar feito em madeira, cuja estrutura supria uma boa parte das necessidades dos alunos, como por exemplo carteiras, utensílios para cozinha, freezer, jogos e livros didáticos. Com a construção da escola pólo “Crescêncio de Paiva” os alunos foram transferidos para esta escola juntamente com todo o material físico e pedagógico.



Com isso vieram às dificuldades dos alunos em se deslocar da comunidade para a escola polo, pois teriam que ir de ônibus e as crianças eram pequenas. Através da mobilização da comunidade junto com o Movimento Negro e a Associação Quilombola representada pelo senhor Carlos Alberto e o Professor Rosivaldo Ramos, se organizaram para trazer a escola de volta para a comunidade, e através de muita luta a escola foi construída. Mas os problemas continuam com a falta de estrutura, recursos tecnológicos e pedagógicos, falta de assistência pedagógica, má remuneração salarial para os servidores, falta de capacitação para os docentes.

A estrutura física atual é de alvenaria, onde trabalham três professoras e uma servente. Atende 36 alunos do Pré-escolar ao 5º ano do ensino fundamental e EJA nos turnos matutino, vespertino e noturno. A escola segue o padrão multissérie, e segundo as professoras entrevistadas, as dificuldades são muitas. A professora que leciona para o Pré I, II e 1º ano necessita levar os cadernos dos alunos para casa para escrever os trabalhos, devido não ter uma copiadora na escola. Também necessita fazer atividades diferentes para os alunos do 1º ano devido a diferença do nível de aprendizagem entre os alunos (relato da professora Marlene Dias).



Croqui indicando a localização da comunidade

Vista parcial da escola Forte do Castelo. Fonte:



Apesar das dificuldades mencionadas e das situações encontradas durante a pesquisa de campo, sabe-se que a escola é um ganho para as lutas sociais da comunidade. Quanto ao sistema pedagógico de ensino, sabe-se que a multisseriação é uma realidade pedagógica tanto de países desenvolvidos quanto em desenvolvimento (PARENTE, 2014). Porém,

em países desenvolvidos, não é compreendida como um elemento negativo, pois sua negação está relacionada a problemas econômicos. Já nos países em desenvolvimento como o Brasil, tal sistema de ensino está relacionado à oferta educacional tardia e precária à população do campo (PARENTE, 2014, p.78- 82), tal como ocorre na escola Forte do Castelo.

REFERÊNCIAS

BREITENBACH, F. V. A Educação do Campo no Brasil: uma história que se escreve entre avanços e retrocessos. **Revista Espaço Acadêmico**, Santa Maria. v. 11, n. 121, jun, 2011.

PARENTE, C. da M. D. Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 57-88, jan./mar. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0104-40362014000100004&pid=S0104-40362014000100004&pdf_path=ensaio/v22n82/a04v22n82.pdf&lang=pt Acessado em março de 2017.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa. In: ZAGO, Nadir et al. **Perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.